

Interpretação paleoambiental de depósitos da Formação Rio Bonito, Permiano Inferior (poço HN-05-RS) do RS

Rafael Reis Bender¹ & Paulo Alves de Souza²

¹ Curso de Geologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Discente BIC (E-mail: rafael.reisbender@yahoo.de)

² Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO

A palinologia pode ser utilizada na interpretação paleoambiental e na bioestratigrafia, permitindo o reconhecimento de tratos regressivos e transgressivos. A porção catarinense da Formação Rio Bonito, Permiano da Bacia do Paraná, é dividida em três unidades, sendo a deposição do membro intermediário (Membro Paraguaçu) atribuída a ambiente marinho. No Rio Grande do Sul tal divisão não é reconhecida; contudo, alguns trabalhos apontam a ocorrência de acritarcos na unidade, o que é indicio de influência marinha.

OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é analisar lâminas palinológicas de níveis da unidade no RS (Figuras 1 e 2) para o reconhecimento dos paleoambientes e detecção da influência marinha nesta porção da bacia.

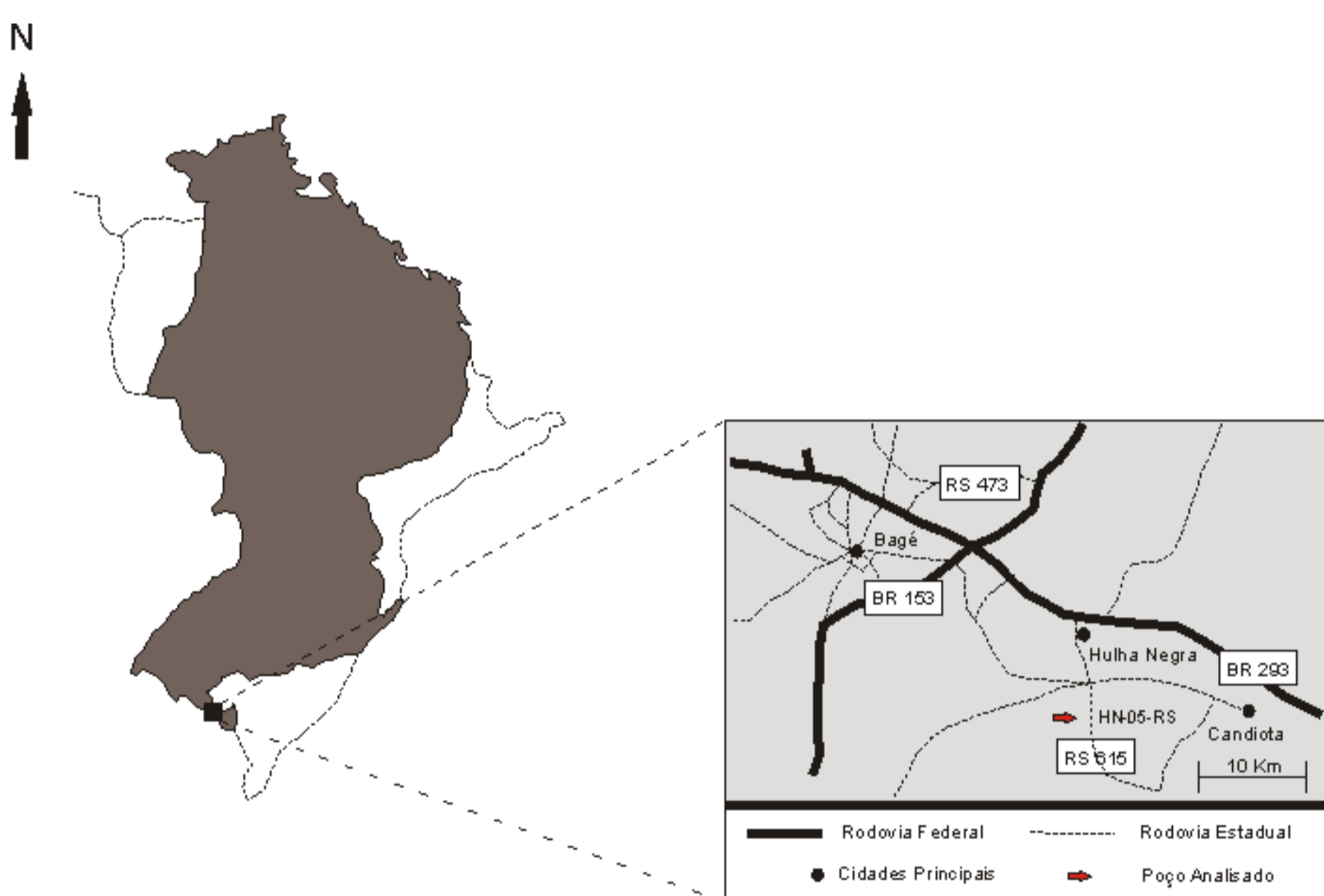


Fig. 1: Localização do poço HN-05-RS na Bacia do Paraná (modificado de Mori & Souza 2012).

METODOLOGIA

As lâminas analisadas são oriundas do poço HN-05-RS, perfurado na localidade de Hulha Negra, sul do RS (Figura 1). O processamento das amostras se deu no Laboratório de Palinologia Marleni Marques Toigo do IG/UFRGS, segundo a metodologia padrão para amostras do Paleozoico, pela qual as amostras são trituradas, dissolvidas em HCl e HF e peneiradas de modo a concentrar a fração entre 20 µm e 250 µm. As lâminas foram observadas através da microscopia óptica, sendo utilizadas as técnicas da luz branca e fluorescência.

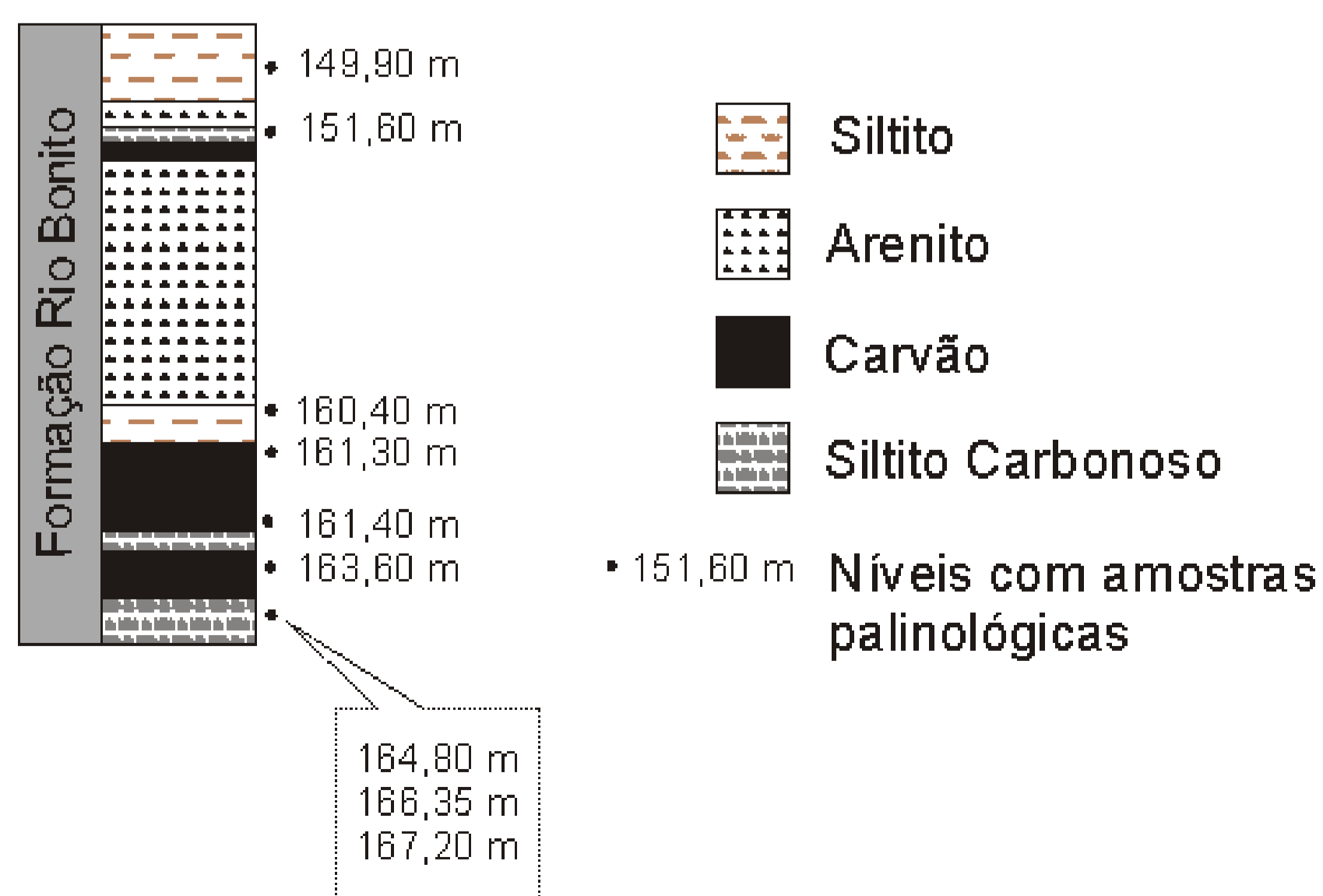


Fig. 2: Perfil litostратográfico da porção correspondente a Fm. Rio Bonito no poço HN-05-RS (modificado de Mori & Souza 2012).

RESULTADOS

Nove níveis foram analisados (Figura 2). Em cada um foram contados 200 palinóforos, os quais foram classificados em quatro grupos; quais sejam: esporos e grãos de pólen (vegetação terrestre), acritarcos e "outros", sendo esse último grupo representado sobretudo por algas (Figura 3). Apenas dois níveis apresentaram acritarcos (161,3 m e 163,6 m). As formas mais abundantes em todas as lâminas analisadas foram os esporos; à exceção das correspondentes ao nível 161,3 m, onde os acritarcos aparecem em maior número. Os grãos de pólen ocorrem em quantidades relativamente baixas, sendo abundantes somente nos níveis 149,9 m; 161,3 m; 161,4 m e 167,2 m. Algas dos gêneros *Tetraporina* Naumova, 1939 ex *Bolkhovitina*, 1953 e *Quadrisporites* Hennely, 1959 foram observadas respectivamente nos níveis 166,35 m e 163,6 m. Algas pertencentes ao complexo *Pilasporites* Balme & Hennely, 1956 e ao gênero *Leiosphaeridia* Eisenack, 1958 foram observadas em todos os níveis.

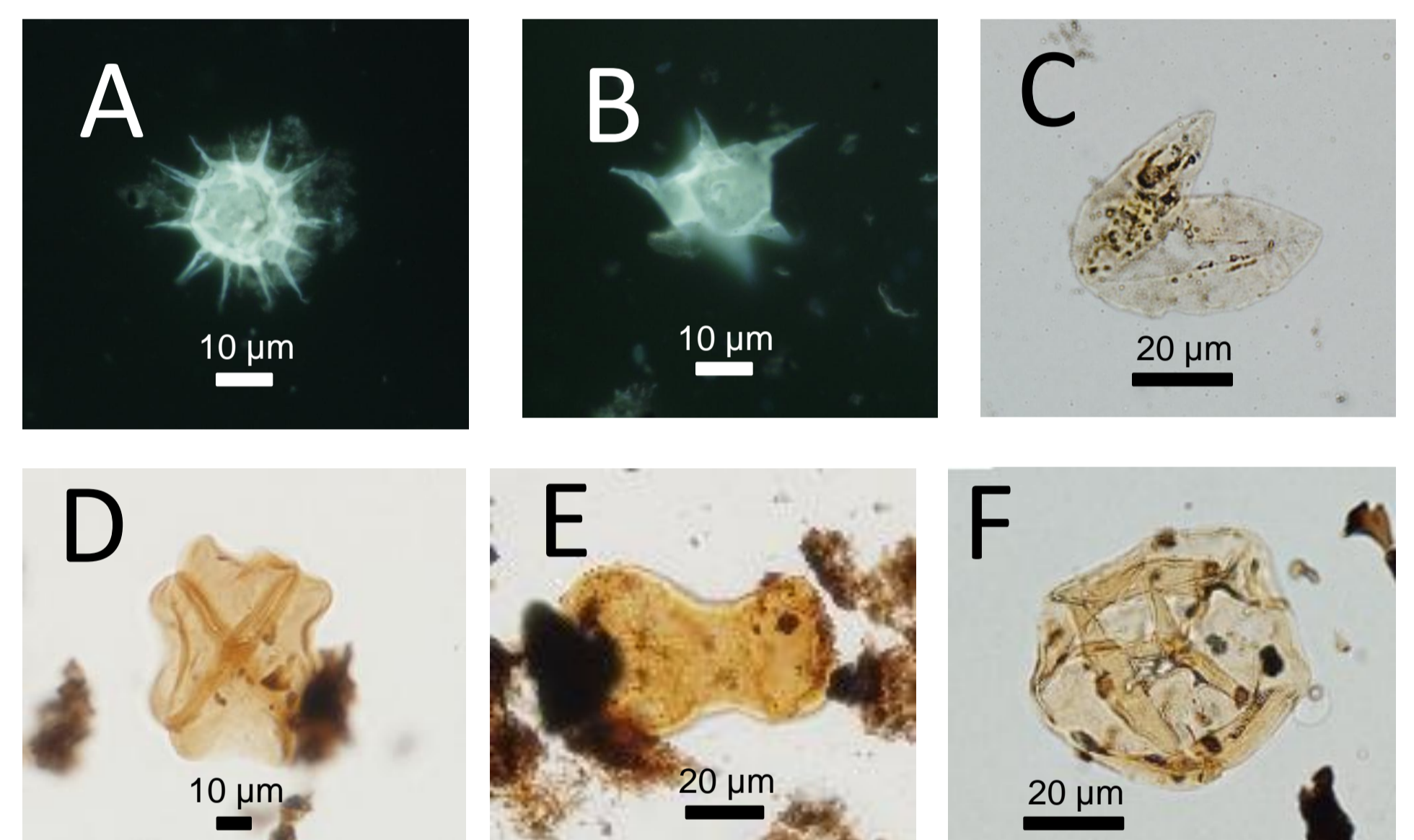


Fig. 3: Acritarcos e algas encontrados nas lâminas: A) acritarco pertencente ao gênero-forma *Michrystidium*; B) acritarco pertencente ao gênero-forma *Veryachium*; C) alga pertencente ao complexo *Pilasporites*; D) *Quadrisporites*; E) *Tetraporina*; F) *Leiosphaeridia*.

CONCLUSÕES

A predominância de esporos e algas indica ambientes costeiros úmidos, possivelmente com influência marinha; enquanto os acritarcos e o aumento na proporção de grãos de pólen indicam ambiente marinho. Nota-se um grande aumento na proporção de algas no nível 160,4 m, principalmente do gênero *Leiosphaeridia*, em detrimento dos esporos de plantas terrestres. Isso indica um possível aumento na influência marinha, visto que, segundo Félix (2012), o gênero apresenta tolerância à salinidade maior que a dos demais. O nível 161,3 m apresenta grande abundância de acritarcos, número relativamente alto de grãos de pólen e quase total desaparecimento das algas, o que sugere um evento transgressivo. A continuação deste trabalho será analisar outros poços do RS tentando observar este mesmo evento.

REFERÊNCIAS

- Félix, C.M. 2012. Nova abordagem para o tratamento taxonômico de determinadas espécies de palinóforos do Paleozoico Superior do Gondwana, com ênfase na Bacia do Paraná, Brasil. Porto Alegre, 206p. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Geociências, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Mori, A.L.O. e Souza, P.A. 2012. Análise palinoestratigráfica dos depósitos permianos (poços HN-05-RS e HN-25-RS) do sul da Bacia do Paraná. *Ameghiniana*, 49(3): 319–342.